

APAV<sup>®</sup>



associação portuguesa de  
Apoio à Vítima

# RECORTES DE IMPRENSA

## AGOSTO 2018



APOIO





## CASOS DE POLÍCIA

Hernâni Carvalho

NOTA: Por vontade do autor, este texto não segue as regras do novo acordo ortográfico

Muitos escondem às autoridades as agressões de que são alvo, mas facto é que, em Portugal, todos os dias há um pai ou uma mãe agredidos pelo próprio filho



METADE DAS VÍTIMAS TEM MAIS DE 65 ANOS

# FILHOS QUE AGRIDEM OS PAIS

**P**or vergonha, uns escondem as agressões, outros fazem-no por dependêrem emocional ou financeiramente dos seus atacantes – os próprios filhos. E no entanto, muitos destes filhos-agressores dependem economicamente das suas vítimas. Os próprios pais.

## VERGONHA

A violência sobre os pais vai sendo notícia. Na maioria das vezes, os pais aguentam a situação e desculpam os filhos. Desculpam-nos com razões da personalidade, de saúde mental ou até pela vergonha de sentirem o seu fracasso como pais. Uns vivem a sensação de impotência e vergonha até ao limite. Outros chegam a passar, também eles, à agressão física e/ou psicológica do filho por não verem outras saídas possíveis. Os conflitos familiares tornam-se caóticos. Mas os mais velhos ficam sempre a perder... ou então morrem.

## VIOLÊNCIA CONTRA IDOSOS

“Um acto (único ou repetido) ou omissão que cause dano ou aflição e que se produz em qualquer relação, na qual exista expectativa de confiança. Tal acto refere-se a abusos físicos, psicológicos, sexuais, abandono, negligências, abusos financeiros e auto-negligência”. A definição é da Rede Internacional para a Prevenção dos Maus Tratos contra o idoso (1995).

## 3ª IDADE

Em 1995, a Organização Mundial de Saúde (OMS) contava 542 milhões de pessoas com mais de 60 anos. Prevê-se que até 2025 sejam 1.200 milhões. Diz a OMS que apenas 30% dos idosos do mundo inteiro recebem pensões de reforma, velhice ou invalidez. Na Europa, estima-se que, em 2020, 20% da população tenha mais de 65 anos, a idade “oficial” do início da terceira idade. ■

## AGRIDE A MÃE QUE É CEGA

Um homem de 29 anos foi detido pela GNR da Póvoa de Lanhoso por agressões à mãe, de 61 anos, que é cega. Depois de ouvido pelo juiz, foi mandado em liberdade com a obrigação de se apresentar às autoridades e proibido de ter contactos com a mãe. Difícil... Ambos vivem na mesma casa. A mãe, no rés-do-chão e o filho no 1º andar... Na freguesia de Serzedelo todos conhecem os tormentos pelos quais a senhora invisual passa às mãos do filho, mas nunca alguém agiu. E, no entanto, trata-se de violência doméstica, um crime público.



## AGREDIU A MÃE DURANTE 21 ANOS

A Divisão de Investigação Criminal da PSP de Lisboa recebeu, mais de 21 anos depois do início dos maus-tratos, um mandado de detenção que permitiu prender um **filho-agressor de 62 anos**, acusado de diversas agressões físicas e psicológicas à mãe de 81 anos e a um irmão de 50. Divorciado desde 1997, foi viver com a mãe e desde então a violência passou a ser o "pão nosso de cada dia"... Há anos que a PSP conhecia as agressões. O inquérito acabou por se estender no tempo, apenas tendo servido para apurar quanto e como as duas vítimas sofreram às mãos deste homem que cometeu diversas agressões físicas e psicológicas ao longo dos anos. Preso pela PSP, foi mandado para prisão preventiva por um juiz de instrução criminal do Campus de Justiça de Lisboa.

## ESPANCOU-OS, EXPULSOU-OS E FICOU COM A PENA SUSPensa

Desde os 18 anos que agride os pais. Sempre que não lhe davam dinheiro para álcool e drogas agredia-os. A vítima mais martirizada era a própria mãe. Empurrava-a contra os móveis ou o fogão, e atirava-a para o chão. Foi obrigado a sair de casa, mas os pais permitiram o seu regresso quando o viram sem-abrigo. Apesar deste gesto de grande amor paternal, o homem voltou a agredi-los. Vandalizou a casa de família, em Ribeira de Frades, Coimbra, partiu-lhes tudo o que entendeu (móveis, louças e objectos de valor), espancou-os e expulsou-os de casa, apedrejando-os e ameaçando-os de morte. O tribunal condenou-o a três anos e meio de prisão. Considerando a idade deste filho-agressor (22 anos), e porque ele conseguiu trabalho nos últimos meses, os juízes suspenderam-lhe a pena...

## TIPOS DE VIOLÊNCIA CONTRA IDOSOS

### FÍSICA

Ofensas à integridade física, maus-tratos diversos, sequestro e tratamentos médicos arbitrários.

### PSICOLÓGICA

Ameaças, humilhações ou intimidações (verbais ou não), insultos, isolamento social e proibição de actividades.

### SEXUAL

Quando o agressor procura obter gratificação sexual sem o consentimento da vítima, obrigando-a a práticas sexuais.

### NEGLIGÊNCIA E ABANDONO

Omissão de auxílio do cuidador nas necessidades básicas, como, por exemplo, não providenciar acesso a cuidados de saúde.

### FINANCEIRA OU ECONÓMICA

Qualquer prática que vise a apropriação ilícita do património da pessoa idosa cometida seja por familiares, profissionais e/ou instituições.

Fonte: APAV

## NÚMEROS



Mais de **83%** das vítimas dos próprios filhos são **MULHERES**

Cerca de metade destas vítimas

**(49%)**

das agressões dos filhos são pessoas com

**65**

**ANOS OU MAIS**

Os autores destas agressões,

**65%**

em mais de dos casos, são do **SEXO MASCULINO**

Estes agressores dos próprios pais (93%) têm entre os **36 E OS 45 ANOS**. São **solteiros (26%)** e estão **desempregados (31,5%)**.

Os dados são da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV)



# Lux Woman / MODA



Josefinas You can Leave, €298,  
modelo disponível  
em [josefinas.com/pt/you-can-leave](http://josefinas.com/pt/you-can-leave)

## Juntas contra a violência doméstica

*You can Leave* é o nome da campanha lançada pela marca portuguesa Josefinas, que, em parceria com a APAV, pretende sensibilizar para a violência doméstica. Com a coleção com o mesmo nome, composta por três modelos de sapatilhas, a marca procura ajudar a combater este flagelo que, em Portugal, atinge cerca de 14 mulheres por dia. O compromisso da Josefinas é prestar apoio a cinco vítimas de violência doméstica, acolhidas em casas de abrigo da APAV por cada par de Josefinas *You Can Leave* vendido. Os montantes angariados destinam-se a apoios jurídicos, sociais e psicológicos, durante um mês.



CAMPANHA | "You Can Leave"

## APAV e Josefinas juntas contra a violência doméstica

A APAV e a Josefinas associam-se para o lançamento da campanha "You Can Leave", juntando-se, pela primeira vez, na luta contra a violência doméstica.

Para apoiar as vítimas de violência, a marca portuguesa de calçado desenhou os modelos de ténis Leave, Speak e Strong, que já podem ser encontrados na loja online da Josefinas.

Cada um destes modelos reaproveita os símbolos usados nos cuidados a ter com a roupa, redefinindo-os com significados para as relações interpessoais como "não controlar", "não culpar", "não intimidar", "não envergonhar" e "não magoar".

Daniel Cotrim, supervisor técnico da rede nacional de Casas de Abrigo da APAV, sublinha o «reforço positivo» da campanha

junto de quem decide sair de um processo de violência. Num país em que, por dia,

14 mulheres são vítimas de violência doméstica. A campanha You Can Leave

é «uma mensagem de força e de esperança para todas as vítimas em silêncio», sublinha Daniel Cotrim.

Além da mensagem de apoio às vítimas de violência, a campanha assinada pela Josefinas reverte a favor da APAV. Cada par vendido possibilita à associação o apoio a cinco vítimas de violência doméstica, durante um mês, nas Casas de Abrigo da APAV.

A campanha You Can Leave prolongar-se-á durante um ano e conta com o apoio de figuras públicas como Ana Sofia Martins e Vanessa Martins.





## PONTE DE SÔR: Jornadas do Alto Alentejo Contra a Violência

O Teatro Cinema de Ponte de Sor, vai acolher, no dia 12 de outubro, a primeira edição das Jornadas do Alto Alentejo Contra a Violência, promovidas pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

De acordo com a organização, o objetivo das jornadas passa por fazer uma reflexão no âmbito do apoio a vítimas de crime e da prevenção da vitimação e da violência.

Os participantes vão ainda abordar a “Violência Doméstica: da lei à intervenção”, “Crianças e Jovens Vítimas de Crime” e “Pessoas Idosas Vítimas de Violência e de Crime”.



# Isabel Ventura

Investigadora e professora universitária

“ A ideia de que os homens são racionais, mas depois, perante uma oportunidade sexual, se descontrolam, parece-me altamente ofensiva para o sexo masculino ”

 VÂNIA MAIA  LUÍS BARRA





# A

A primeira vez que leu o acórdão judicial de um caso de violação ficou em choque. Muitos outros abalos se seguiram ao longo da investigação no âmbito da sua tese de doutoramento, que deu origem ao livro *Medusa no Palácio da Justiça ou Uma História da Violação Sexual* (Tinta da China, 408 págs., €21,51). Isabel Ventura, 43 anos, percorreu séculos de leis e centenas de casos judiciais para traçar o retrato da violência sexual em Portugal. E identificou os preconceitos que mais facilmente se voltam contra as vítimas do que contra os agressores. O estudo foi distinguido pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima e, mais recentemente, recebeu o prémio Maria Lamas para estudos sobre a mulher, género e igualdade. No ano passado, foram apresentadas 408 queixas por violação, em Portugal (mais 73 do que em 2016), de acordo com o Relatório Anual de Segurança Interna. A docente da Escola de Direito da Universidade Católica do Porto não duvida de que a agressão sexual é alimentada pela desigualdade de género. E não faltam acórdãos ilustrativos de uma visão conservadora da sexualidade da mulher.

**No livro, descreve uma ideologia “compreensiva para com o agressor e desconfiada para com a vítima”.**

**Quais as raízes desta desconfiança?**

São ancestrais. Há um conjunto de práticas e de discursos sociais, reforçado por muitas instâncias, que descreve o feminino como não sendo confiável. A ideia de que as mulheres são ardilosas, calculistas, irracionais... Quando acusam alguém, em particular um homem, não é por lhes ter acontecido alguma coisa, mas antes para prejudicar o outro.

**A culpabilização das vítimas é o principal obstáculo às denúncias de violação?**

Atualmente, quando alguém diz que

foi vítima de um crime sexual, a primeira reação é de desconfiança, só depois de a pessoa dar muitas provas é que começamos a acreditar nela. Mas devemos confiar na pessoa desde o início. Não é verdade que se acuse habitualmente de forma leviana, só por vingança; existirão casos, mas não é comum ao ponto de nos fazer desconfiar disso à partida.

**Escreve que persiste o preconceito do “corpo feminino que seduz e que é fonte de fraqueza masculina”. Isso explica a tendência de desculpabilização do agressor?**

Uma das formas habituais de desculpabilização é a ideia da tentação. Numa decisão do início dos anos 90, em que um adulto tinha violado uma menina de 6 anos, o tribunal dizia que era preciso ter em conta que a menor tinha precipitado o crime, não por querer mas porque atravessava, regularmente, um corredor para ir buscar água, passando assim pelo agressor. Os discursos não são sempre tão primários. O acórdão do juiz Neto de Moura [na Relação do Porto, em que desvalorizou um crime de violência doméstica pelo facto de a vítima ser adúltera] gerou tanta animosidade porque é muito primário, ninguém se revê em acórdãos que falam da Bíblia e de mulheres adúlteras, mas isso não quer dizer que esses cânones não apareçam de forma mais sibilina. A ideia de que os homens são racionais, mas depois, perante uma oportunidade sexual, se descontrolam, parece-me altamente ofensiva para o sexo masculino.

**Existe um estereótipo relativamente à violação?**

Quanto mais um arguido se afasta da imagem típica do agressor, maior é a desconfiança que incide sobre a palavra da vítima. Se o arguido for jovem e se tiver capital erótico, uma das perguntas que se põe é por que razão um homem tão bonito haveria de violar alguém? Escapa-nos a ideia de que o que pode estimular sexualmente uma pessoa seja precisamente a violência. Em relação às vítimas, espera-se que sejam mulheres em idade fértil e atraentes. O caso de idosas que são violadas, por exemplo, é frequentemente descrito como uma bizarria. Deveria dar-se formação para não serem reproduzidas ideias como as de um acórdão da Relação do Porto, que dizia que uma vítima, ao anotar a matrícula

do carro do agressor, tinha tido um comportamento que não se coadunava com o de uma pessoa em choque. Isto é de uma ignorância tremenda.

**Cruzou-se com casos em que as vítimas foram prejudicadas por não corresponderem ao perfil esperado?**

Há muitas categorias que constroem a credibilidade de uma vítima, uma delas é a forma como exprimem o trauma, o que chamo “trauma show”. Quando as vítimas estão em dissociação do eu e falam como se não tivesse acontecido com elas, fazendo uma descrição seca e distante, isso não corresponde à ideia de uma pessoa em trauma. Houve um julgamento em que a testemunha era o namorado da vítima, ele tinha sido obrigado a assistir à violação – este rapaz não chorou durante o depoimento, mas chorou na sala das testemunhas. Muitas vezes, as emoções não estão dentro da sala de audiências.

**A demora na denúncia é um dos comportamentos menos compreendidos...**

Com as denúncias do movimento #MeToo isso viu-se muito bem. As vítimas precisam de tempo, sobretudo se os agressores não correspondem ao estereótipo do abusador. Quando se pergunta às pessoas por que razão apresentam queixa, um dos principais motivos é garantir que aquele agressor não volta a fazê-lo. Já quando retiram a queixa, o principal motivo é o medo. Muitas vezes, há ameaças do agressor ou dos seus familiares, e também há medo do processo judicial – algumas vítimas dizem que o julgamento foi uma segunda violação. Se nos pusermos no lugar do outro, percebemos que quem agride é frequentemente alguém com quem há algum tipo de relação, e essa pessoa não é um agressor o tempo todo.

**Considera as agressões sexuais sintomáticas de uma desvalorização histórica do consentimento da mulher. Porquê?**

Na altura em que fui pesquisar se era mesmo plausível os homens entenderem mal quando as mulheres dizem “não”, verifiquei que, ao lhes perguntar se percebiam uma rejeição sexual, todos diziam que entendiam, mesmo quando as pessoas não se exprimiam por palavras. Não estou a dizer que não possa haver casos em que há dúvidas, mas a investigação não corrobora a ideia de que os homens entendem mal a rejeição feminina.



### **A chamada “cultura da violação” é sinónimo de que tipo de representações?**

A teorização da cultura da violação prende-se com um conjunto de práticas e de discursos que legitima e naturaliza a violência sexual de homens sobre mulheres, ao se dizer, por exemplo, “um homem não é de ferro”. Um homem pode sentir a necessidade de ter um carro, mas não será desculpabilizado em tribunal por o ter roubado. Não da mesma forma que será desculpabilizado se recorrer a um ato ilícito para conseguir ter sexo com uma mulher.

### **Acusa os tribunais de criarem “narrativas pornográficas”...**

Quando li um acórdão pela primeira vez fiquei chocada com a forma crua como tudo era descrito. Estas narrativas ultrassexualizam um ato extremamente violento, que as vítimas não encaram como sexo mas como violência. Adota-se a perspetiva do agressor e não da vítima. Ao mesmo tempo, estas narrativas mostram uma reduzida dimensão daquilo que a vítima sentiu. Houve um caso horrível, eu sei que não foi com intenção, mas o texto era muito romantizado, falava de carícias e de beijos, palavras que associamos a coisas agradáveis. Quando lemos o registo da gravação, porque o agressor também estava detido por gravar os abusos, é um horror, porque aí está descrito o menor abusado a chorar e a dizer não. É de uma violência tremenda.

### **Acredita que os tribunais especializados em crimes violentos poderiam resolver este tipo de problemas?**

Sugiro a criação de tribunais especializados como uma forma de encontrar um maior equilíbrio entre a necessidade de assegurar os direitos e as garantias dos arguidos, sem ser à custa da obnubilação completa do trauma da vítima. Uma coisa não pode ser feita à custa da outra. Estamos a falar de crimes que afetam a estabilidade das pessoas, por isso são precisos profissionais capazes de prestarem o melhor acompanhamento. Os tribunais especializados poderiam resolver questões tão simples como garantir que as vítimas não se cruzam com os agressores nos espaços comuns do tribunal.

### **A agressão sexual é alimentada pela desigualdade de género?**

Podemos olhar para a violência

## **Não vamos infantilizar homens e mulheres, achando que os homens, coitados, não percebem a diferença entre assédio e sedução. Tenho a certeza de que percebem essa diferença se for outro homem a seduzi-los**

sexual e pensar que esta resulta de problemas de personalidade dos indivíduos, mas essa visão só seria verdade se a violência sexual fosse rara. Toda a reação social à violência sexual é de desvalorização ou de incentivo à conformidade. No caso das raparigas, diz-se para ignorarem, “não vale a pena dizer nada, até pode ser pior”. Se não houvesse desigualdade, como se explicaria o número de mulheres mortas por companheiros ou ex-companheiros, sem que exista o mesmo número de homens assassinados?

### **O movimento #MeToo contribuiu para alterar comportamentos relativamente ao assédio sexual?**

Em Portugal, foi muito positivo ter-se falado do assunto. É importante pôr as pessoas a debater e a pensar se apresentariam logo queixa ou não. Vi uma mulher, numa reportagem na televisão, que ilustra a internalização da culpa. Ela tinha sido vítima de agressão sexual e dizia que a culpa de isso ter acontecido era das mulheres que permitem essas situações. Um dos grandes perigos deste discurso é onde fica o agressor. Quando transferimos a responsabilidade para a vítima, deixa de haver agressor.

### **Compreende que se discutam as fronteiras entre assédio e sedução?**

Não vamos infantilizar homens e mulheres, achando que os homens, coitados, não percebem a diferença

entre assédio e sedução. Até porque eu tenho a certeza de que percebem essa diferença se for outro homem a seduzi-los. Aí já sabem muito bem quais são as fronteiras.

### **Como se posiciona relativamente ao tema das quotas de género? Faz sentido impor a presença de mulheres?**

Não é uma questão de impor... Eu sou a favor. Já alguém disse uma frase muito ilustrativa do que eu penso. “As quotas são como o aparelho nos dentes: é feio, mas corrige.” Podemos dizer que as mulheres não estão em cargos de poder porque não têm capacidade? Então como é que têm melhores notas?

### **Diz-se, muitas vezes, que as mulheres não querem...**

E não querem porquê? Será que não querem porque estas instituições funcionam, muitas vezes, de forma pouco amigável na conciliação entre família e trabalho? Será que não querem porque o modelo considerado adequado é masculino? Ou não querem porque são hostilizadas? Antes de se dizer isso é preciso perceber se elas concorrem, ou não, a esses lugares e como é feita a escolha.

### **Como reage perante mulheres que dizem não ser feministas?**

As pessoas confundem, frequentemente, feminismo com uma ideologia de supremacia de fêmeas sobre machos; muitas pessoas desconhecem que o feminismo é uma corrente teórica e que há uma complexidade dentro dos movimentos feministas. Muita gente afirma “eu não sou feminista, mas...”, isso significa que há o reconhecimento da desigualdade. As mulheres dizem que não são feministas por vários motivos, um deles é porque sabem que é muito penalizante – ser feminista é quase criminoso.

### **Os homens feministas são mais autoconfiantes?**

[Risos.] Não sei se os homens feministas são mais autoconfiantes, mas claramente não estão em negação, não dizem que não é verdade que as mulheres ganhem menos do que os homens; reconhecem a desigualdade. Não significa que sejam ativistas, mas querem ter um papel ativo no sentido de não serem cúmplices da desigualdade. Isso deixa-me muito feliz, porque é fundamental que os homens tenham um papel no caminho da igualdade. [vfrmaia@visao.pt](mailto:vfrmaia@visao.pt)

CASO DA NOVELA

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

# AJUDA está mais perto

**É possível pedir socorro através de aplicações no telemóvel. Conheça-as e evite o pior**

Em "Vidas Opostas", da SIC, Álvaro (Rui Morrison) está longe de ser uma pessoa honesta, mas tenta ser um homem de família. Contudo, o seu lado mais agressivo revela-se principalmente junto da sua mulher. Não são raras as vezes em que agride verbalmente Cecília (Ana Padrão) e em breve fica louco de ciúmes ao ler o seu diário. Ele arrasta a mulher do seu carro e agride-a. Maria (Sara Matos) chega e evita uma tragédia ainda maior.

**A ficção imita a realidade**

O caso de Cecília e Álvaro está bem perto da realidade. De acordo com um estudo divulgado pela Associação União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR) e

feito com base nos artigos de jornais, **pelos menos 16 mulheres, entre os 36 e os 50 anos, foram mortas pelos companheiros nos primeiros seis meses deste ano, em Portugal.** Ou seja, mais quatro do que no mesmo período de

2017. O relatório revela que, das 16 mulheres, 11 foram assassinadas pelos maridos ou companheiros, quatro pelos filhos e uma por um ex-namorado. Em quatro destes casos, o homicida suicidou-se depois de cometer o crime. Na base das

**LOUCO DE CIÚMES,  
Álvaro arrasta a mulher,  
Cecília,  
disposto a tudo**





## Peça ajuda **ATRAVÉS DO TELEMÓVEL**

Pedir ajuda pode realmente salvar vidas e é por isso que a Secretaria de Estado para a Cidadania e Igualdade, o Movimento Democrático de Mulheres (MDM) e a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) têm disponíveis aplicações de telemóvel onde não só é possível pedir ajuda com uma simples mensagem como facultam várias informações sobre os direitos dos cidadãos. Desde março de 2017, que o Governo disponibilizou a APP VD – Apoio Contra a violência doméstica; o Movimento Democrático de Mulheres (MDM), desenvolveu a Vive+Aquí. A Infovitimas PT é uma extensão do site com

o mesmo nome e pretende servir de ajuda a todos os que querem saber mais sobre um processo crime, os seus direitos ou até encontrar algum apoio psicológico. Desenvolvida com o apoio financeiro do Programa Justiça Penal da União Europeia e numa parceria com a APAV, os cidadãos poderão conhecer todos os seus direitos e os serviços que lhes podem prestar apoio. Todas estas aplicações são gratuitas. Basta procurá-las no seu telemóvel. É mais uma porta que se abre com informações e ajuda à distância de uma mensagem.

motivações estão, de acordo com o relatório, a não aceitação de uma separação, fantasia de infidelidade ou o querer exercer poder. O Ministério Público das cinco comarcas do distrito judicial de Lisboa recebeu, nos primeiros três

meses deste ano, quase 2700 processos por violência doméstica. Mas estes são apenas os dados conhecidos. Há ainda muita violência escondida. Autoridades defendem que aplicações no telemóvel facilitam o pedido de ajuda. 



Vive + Aqui, do Movimento Democrático de Mulheres





## Leitores

### APAV não esquece os portugueses vitimados pelo terrorismo

No dia 21 de Agosto celebra-se, pela primeira vez, Dia Internacional da Lembrança e do Tributo às Vítimas do Terrorismo, por iniciativa das Nações Unidas. Sabemos hoje que é elevada a probabilidade de um atentado, em qualquer lado no mundo, afetar vítimas de vários países, incluindo Portugal. Nos últimos anos, o terrorismo internacional vitimou 14

portugueses, feriu mais de 20 e deixou marcas em muitos mais familiares e amigos. Os efeitos psicológicos e sociais nas vítimas de atentados terroristas são profundos e duradouros. As vítimas de terrorismo no estrangeiro, seus familiares e amigos, enfrentam muitas dificuldades decorrentes destes atentados. Para além do impacto físico e psicológico criado pelo evento, o facto de serem vítimas num país que não é o seu, com língua, cultura e legislação diferentes, dificulta o acesso a apoio especializado. A distância e a incompreensão dos sistemas

sociais e jurídicos destes países leva a que seja difícil as vítimas e seus familiares fazerem valer os seus direitos e terem acesso ao apoio necessário. É por essa razão que a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) tem trabalhado pela defesa dos direitos das vítimas de terrorismo, tentando estabelecer redes e parcerias que permitam vencer as barreiras causadas pelas fronteiras e pela distância, para que as vítimas de terrorismo não estejam sozinhas, desde o primeiro momento, em situações de extrema gravidade. A APAV, através da Rede de

Apoio a Familiares e Amigos de Vítimas de Homicídio e Terrorismo pode dar apoio especializado, mesmo à distância, nestas situações complexas. A APAV associa-se às Nações Unidas e ao Victim Support Europe assinalando esta data, para que as vítimas de terrorismo não sejam esquecidas.

#### **Rede de Apoio a Familiares e Amigos de Vítimas de Homicídio e Terrorismo**

*Texto escrito segundo as regras do Acordo Ortográfico de 1990*



## Apoios

# APAV apoiou 4.687 crianças nos últimos anos

### APOIOS

Nos últimos cinco anos, a Associação de Apoio à Vítima (APAV) apoiou a 4.687 crianças e jovens, vítimas de crimes.

Segundo os dados divulgados ontem, em 2016 e 2017, o número de pedidos de apoio por crimes sexuais contra crianças aumentou.

### DADOS

O relatório, chamado "Estatísticas: Crianças e Jovens Vítimas de Crime e de Violência 2013-2017", revelou que entre esses anos a associação ajudou cerca de 4.700 pessoas.

"Cerca de 60% das crianças e jovens são filhos/as dos/as alegados/as autores/as. Com efeito, o espaço de segurança que deveria ser a casa onde residem estas vítimas é, não raras vezes, transformado num cenário de violência a que aquelas são expostas, direta ou indiretamente", diz o relatório, que revela que 74% dos casos reportados são relativos a atos de violência dentro de casa.

Apesar de os pedidos de ajuda terem aumentado, a APAV verificou uma diminuição, entre 2016 e 2017, no número de ocorrências sobre crianças com 10 ou menos anos.





# 70% das situações de violência com crianças acontecem em casa

Entre 2013 e 2017 a APAV apoiou 4687 menores, que foram vítimas de mais de oito mil crimes



Entre os crimes em contexto escolar, o bullying é o mais reportado

**Inês Schreck**  
ines@jn.pt

**RELATÓRIO** Aquele que deveria ser um espaço de paz e segurança para as crianças é o local onde ocorrem mais crimes de violência, física e psicológica. Entre 2013 e 2017, quase 70% dos crimes contra crianças e jovens denunciados à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) ocorreram em casa. Em 61% dos casos, os agressores eram pai ou mãe das vítimas.

De 2013 a 2017, a APAV apoiou 4687 crianças e jovens vítimas de 8035 crimes, revela um relatório da associação. Em 2017, registaram 1286 crimes e 810 vítimas, os números mais baixos desde 2013.

Do total de crimes naqueles cinco anos, em 2850 situações a vítima era filho ou filha do agressor. A residência comum foi o local do crime em 59,3% das situações e a residência da vítima em 8,9%. A casa do agressor foi o local de 10,7% dos crimes. “A maioria destas situações de violência estão a ocorrer

em contexto doméstico, o que é tudo menos benéfico para o desenvolvimento da criança”, realça Carla Ferreira, dirigente da APAV.

## MAIS CRIMES SEXUAIS

O relatório assinala, ainda, um aumento do número de pedidos de apoio para crimes de natureza sexual cometidos contra crianças e jovens, especialmente entre 2016 e 2017, durante os quais “todos os atos sexuais registados aumentaram entre 30 a 60%”. O aumento deve-se à especial atenção que a APAV dedica a esta temática desde janeiro de 2016, com a criação da rede Care que dá apoio especializado a crianças e jovens vítimas de violência sexual, explicou Carla Ferreira.

Em cinco anos, a APAV recebeu 449 queixas de abuso sexual de menores de 14 anos, das quais mais de metade em 2016 (108) e em 2017 (199). “Não estávamos à espera que este apoio mais especializado desocultasse tão depressa tantos casos de abuso sexual”, revelou a responsável da rede Care. ●

## SABER MAIS

### 428 casos de bullying

Os pedidos de apoio à APAV para situações referentes a bullying, que são a expressão maior dos crimes em contexto escolar, totalizaram 428 ocorrências. No ano passado, foram registadas 89 situações.

### Vítimas mais velhas

Em 2016 e 2017, houve uma diminuição das ocorrências sobre crianças de idade igual ou inferior a dez anos e um aumento dos pedidos de apoio para jovens entre os 11 e os 17 anos.

### Queixas

Os dados da APAV baseiam-se nas queixas apresentadas pelas vítimas, mas também familiares, amigos, professores, associações, advogados, entre outros, não representando a totalidade dos crimes contra crianças e jovens.



# Associação de Apoio à Vítima socorreu quase 4.700 crianças

**APAV** Relatório sobre crianças e jovens vítimas de violência indica 8.035 crimes entre 2013 e 2017

A APAV apoiou 4.687 crianças e jovens, vítimas de 8.035 crimes, nos últimos cinco anos, registando-se um aumento de pedidos de apoio por crimes de natureza sexual contra crianças e jovens, em 2016 e 2017, segundo dados ontem divulgados.

No relatório “Estatísticas: Crianças e Jovens Vítimas de Crime e de Violência 2013-2017”, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) indica que, entre 2013 e 2017, prestou auxílio a quase 4.700 pessoas, das quais 810 no ano passado, quando foram contabilizados 1.268 crimes.

Dos pedidos de auxílio que chegaram à associação, a vítima era filho/filha do agressor em 2.850 casos. Em 234 casos era colega de escola, em 120 era um conhecido e em 105 dos casos era neto do agressor.

Das situações reportadas à APAV, 74% dizem respeito a actos de violência em contexto doméstico, tendo maior expressão as situações de violência psicológica e de violência física. «Cerca de 60% das crianças e jovens são filhos/as dos/as ale-



gados/as autores/as. Com efeito, o espaço de segurança que deveria ser a casa onde residem estas vítimas é, não raras vezes, transformado num cenário de violência a que aquelas são expostas, directa ou indirectamente», refere o relatório.

De salientar que os pedidos de apoio para situações referentes a “bullying”, que são a expressão maior dos crimes em contexto escolar, totalizaram 428 ocorrências. No ano passado foram registadas 89 situações.

Adianta a APAV que se tem

registado tendência crescente para os pedidos de apoio relativos a crimes de natureza sexual cometidos contra crianças e jovens, especialmente entre 2016 e 2017, durante os quais «todos os actos sexuais registados aumentaram entre 30 a 60%».

Independentemente do tipo de violência que as crianças e jovens podem ser alvo, verifica-se um relativo equilíbrio no género - embora a maioria das situações digam respeito a crianças e jovens do sexo feminino - e na idade. ◀



## 70% de casos da APAV com crianças e jovens são de violência doméstica

●●● Das situações reportadas à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) de violência contra crianças e jovens, 70% dos casos dizem respeito a atos de violência em contexto doméstico, revela nota enviada pela organização ao DIÁRIO AS BEIRAS. Nesta tipologia, as situações de violência psicológica e de violência física revelam maior expressão. Refere ainda que cerca de 60% das crianças e jovens são filhos dos alegados autores da violência. “Com efeito, o espaço de segurança que deveria ser a casa onde residem estas vítimas é, não raras vezes, transformado num cenário de violência a que aquelas são expostas, direta ou indiretamente”, afirma a APAV nesta nota.

Os pedidos de apoio a situações referentes a bullying (que, refere, são a expressão maior dos crimes que podem ocorrer em contexto escolar), neste período, totalizaram 428 ocorrências.

### Crimes sexuais aumentam

A APAV sublinha ainda que os crimes de natureza sexual contra crianças e jovens registam uma tendência para crescer, principalmente entre 2016 e 2017, anos em que todos estes atos aumentaram de 30 a 60%. Independentemente do tipo de violência, as crianças e jovens do sexo feminino são as mais afetadas. Os dados dizem respeito à estatística “Crianças e Jovens Vítimas de Crime e de Violência 2013-2017”, período em que a APAV apoiou 4.687 crianças e jovens, vítimas de um total de 8.035 crimes.



# APAV apoiou quase 4700 crianças nos últimos cinco anos

## NACIONAL

| Redacção/Lusa |

A APAV apoiou 4.687 crianças e jovens, vítimas de 8.035 crimes, nos últimos cinco anos, registando-se um aumento de pedidos de apoio por crimes de natureza sexual contra crianças e jovens, em 2016 e 2017, segundo dados ontem divulgados.

No relatório ‘Estatísticas: Crianças e Jovens Vítimas de Crime e de Violência 2013-2017’, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) indica que, entre 2013 e 2017, prestou auxílio a quase 4.700 pessoas, das quais 810 no ano passado, quando foram contabilizados 1.268 crimes.

Dos pedidos de auxílio que chegaram à associação, a vítima era filho/filha do agressor em 2.850 casos. Em 234 casos era colega de escola, em 120 era um conhecido e em 105 dos casos era neto do agressor.

Das situações reportadas à APAV, 74% dizem respeito a atos de violência em contexto doméstico, tendo maior expressão as situações de violência psicológica e de violência física.

“Cerca de 60% das crianças e jovens são filhos/as dos/as alegados/as autores/as. Com efeito, o espaço de segurança que

deveria ser a casa onde residem estas vítimas é, não raras vezes, transformado num cenário de violência a que aquelas são expostas, direta ou indiretamente”, refere o relatório.

De salientar que os pedidos de apoio para situações referentes a ‘bullying’, que são a expressão maior dos crimes em contexto escolar, totalizaram 428 ocorrências.

No ano passado foram registadas 89 situações de ‘bullying’.

Adianta a APAV que se tem registado tendência crescente para os pedidos de apoio relativos a crimes de natureza sexual cometidos contra crianças e jovens, especialmente entre 2016 e 2017, durante os quais “todos os atos sexuais registados aumentaram entre 30 a 60%”.

Independentemente do tipo de violência que as crianças e jovens podem ser alvo, verifica-se um relativo equilíbrio no género — embora a maioria das situações digam respeito a crianças e jovens do sexo feminino — e na idade.

Contudo, verificou-se uma diminuição das ocorrências sobre crianças de idade igual ou inferior a 10 anos em 2016 e 2017, em contraponto com o crescimento de pedidos de apoio para jovens entre os 11 e os 17 anos.



# Associação de Apoio à Vítima socorreu quase 4.700 crianças

**APAV** Relatório sobre crianças e jovens vítimas de violência indica 8.035 crimes entre 2013 e 2017

A APAV apoiou 4.687 crianças e jovens, vítimas de 8.035 crimes, nos últimos cinco anos, registando-se um aumento de pedidos de apoio por crimes de natureza sexual contra crianças e jovens, em 2016 e 2017, segundo dados ontem divulgados.

No relatório “Estatísticas: Crianças e Jovens Vítimas de Crime e de Violência 2013-2017”, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) indica que, entre 2013 e 2017, prestou auxílio a quase 4.700 pessoas, das quais 810 no ano passado, quando foram contabilizados 1.268 crimes.

Dos pedidos de auxílio que chegaram à associação, a vítima era filho/filha do agressor em 2.850 casos. Em 234 casos era colega de escola, em 120 era um conhecido e em 105 dos casos era neto do agressor.

Das situações reportadas à APAV, 74% dizem respeito a actos de violência em contexto doméstico, tendo maior expressão as situações de violência psicológica e de violência física. «Cerca de 60% das crianças e jovens são filhos/as dos/as ale-



gados/as autores/as. Com efeito, o espaço de segurança que deveria ser a casa onde residem estas vítimas é, não raras vezes, transformado num cenário de violência a que aquelas são expostas, directa ou indirectamente», refere o relatório.

De salientar que os pedidos de apoio para situações referentes a “bullying”, que são a expressão maior dos crimes em contexto escolar, totalizaram 428 ocorrências. No ano passado foram registadas 89 situações.

Adianta a APAV que se tem

registado tendência crescente para os pedidos de apoio relativos a crimes de natureza sexual cometidos contra crianças e jovens, especialmente entre 2016 e 2017, durante os quais «todos os actos sexuais registados aumentaram entre 30 a 60%».

Independentemente do tipo de violência que as crianças e jovens podem ser alvo, verifica-se um relativo equilíbrio no género - embora a maioria das situações digam respeito a crianças e jovens do sexo feminino - e na idade. ◀



ID: 76455579

24-08-2018

Carla Ferreira, responsável pela rede CARE da APAV

# “Está a quebrar-se o tabu da denúncia de violência sexual contra as crianças e jovens nos Açores, mas há muito trabalho a fazer”

Questionámos se o aumento de casos de violência sexual contra crianças nos Açores se deve à existência de mais casos ou mais denúncias? E Carla Ferreira responde: “Nós acreditamos que não seja apenas uma situação de, necessariamente, haver mais casos mas também resultado da capacidade de as pessoas poderem identificar uma situação e não ficarem à espera que ela se resolva sozinha...”

**Correio dos Açores - Como tem evoluído a violência sexual sobre crianças e jovens nos Açores?**

**Carla Ferreira (Responsável nacional pela rede CARE)** - Desde que a APAV está a trabalhar com uma equipa específica dedicada a esta temática, temos notado um progresso no sentido de as pessoas poderem denunciar estas situações. Ou seja, tem havido uma evolução e uma maior capacidade de as pessoas perceberem que há certas e determinadas situações que são crimes violentos e, portanto, também têm a maior capacidade de as denunciar. Muito recentemente, e isto é uma evolução que temos deste ano, conseguimos ter um elemento desta equipa em permanência nos Açores, o que é uma grande conquista para nós, não só porque permite-nos que a Região Autónoma tenha acesso a um serviço especializado não apenas com o Gabinete de Apoio à Vítima em Ponta Delgada, aonde temos um espaço físico, mas também em outro local dos Açores que se afigure necessário, isto porque esta pessoa está habilitada e tem capacidade para se deslocar entre as ilhas.

É também uma conquista para nós por uma lógica de trabalharmos nos Açores com a população escolar, como sejam os professores e profissionais que trabalham nestas áreas para os sensibilizar a ficarem mais alerta para uma situação de violência e também para saberem o que melhor podem fazer para ajudar uma pessoa, e neste caso uma criança ou um jovem, que esteja a ser vítima de violência sexual.

**A permanência da CARE nos Açores que resultados teve até agora?**

É uma permanência muito recente. É uma evolução que se conseguiu em Junho deste ano. Portanto, ainda não temos nada de muito concreto para apresentar, mas já há aqui, de facto, um progresso no sentido de disponibilizarmos um apoio mais de perto junto com um grande parceiro que temos a nível nacional e, por inerência, na Região, que é a Polícia Judiciária, entidade responsável por investigar os crimes de violência sexual contra crianças e jovens. Também aqui já há algum investimento em podermos chegar às escolas e às entidades que trabalham com crianças e jovens para trabalhar a sensibilização e a capacitação para tornar estes profissionais e estas



Carla Ferreira, responsável pelo projecto CARE - Rede de Apoio Especializado a Crianças e Jovens Vítimas de Violência Sexual da APAV

crianças mais alertas e mais capazes de responder a uma situação de violência.

**É visível um aumento a denúncia de casos de violência contra crianças. Isso, na sua opinião, deve-se a quê? Há mais casos ou mais denúncias?**

Nós acreditamos que não seja apenas uma situação de, necessariamente, haver mais casos mas também resultado da tal capacidade de as pessoas poderem identificar uma situação e não ficarem à espera que ela se resolva sozinha. Ou seja, as próprias pessoas terem esta capacidade e esta iniciativa de pedirem ajuda para resolverem a situação.

Começa a haver nos Açores uma quebra do silêncio. Enquanto, num passado recente, havia determinadas situações de violência contra crianças e jovens que eram mantidas numa esfera de silêncio, progressivamente temos notado que as pessoas cada vez estão mais alertas, cada vez estão mais conscientes de que temos que ser intolerantes a qualquer forma de violência. Portanto, têm aumentado os pedidos de apoio, o que não significa ne-

**A denúncia de violência sexual contra crianças está a deixar de ser um tabu na sociedade açoriana? “Felizmente está a deixar de ser um tabu, mas ainda há muito caminho para fazer. Ainda há muita sensibilização, muita capacitação, muita formação que é necessária fazer”, diz Carla Ferreira**

cessariamente que tenham aumentado os crimes eles próprios.

**A denúncia de violência sexual contra crianças está a deixar de ser um tabu na sociedade açoriana?**

Felizmente está a deixar de ser um



tabu, mas ainda há muito caminho para fazer. Ainda há muita sensibilização, muita capacitação, muita formação que é necessária fazer, mas acreditamos que, de facto, o trabalho que a APAV tem desenvolvido nos últimos dois anos, desde Janeiro de 2016, em que entrou em funcionamento esta rede CARE, tem havido uma progressão neste sentido, o que muito nos satisfaz obviamente. Mas estamos perfeitamente conscientes de que isto é o início de um trabalho muito longo no sentido de as pessoas estarem cada vez mais alertas para estas situações e cada vez mais capazes de as denunciar e de não as deixar ficar no silêncio.

**Podemos concluir das suas palavras que ainda haverá muitas situações destas que passam do silêncio?**

Ainda há, infelizmente ainda há. Temos notado isso, não é obviamente a situação mais frequente mas temos tido vários pedidos de ajuda em que até ao pedido de ajuda efectivo a situação decorreu ao longo de vários meses ou vários anos. Portanto, estas situações, muitas vezes, con-



Perante sintomas de alterações no comportamento das crianças, professores e vizinhos devem alertar as autoridades

tinuam a passar-se no silêncio. Passam-se meses e anos desde que a situação começa a acontecer até que termina, se termina e quando termina sem que estas vítimas tenham o apoio que seria desejável. Portanto, ainda há muitas situações no silêncio. Estamos a caminhar para uma desocultação destas situações mas ainda há muito trabalho a fazer.

#### Está a dizer-nos também que há muitos abusadores que, apesar do crime, ficam impunes.

Estou a dizer que há abusadores que, apesar do crime, ficam impunes sobretudo porque as situações não são denunciadas. E se a situação não for denunciada às autoridades competentes, as autoridades competentes não podem investigar as situações e, por conseguinte, não podem desenvolver nenhuma investigação que possa levar à condenação de uma pessoa que pratica um crime de natureza sexual. Daí a importância de estas situações saírem do silêncio não apenas no sentido de ajudar as vítimas mas também no sentido de podermos ajudar a que seja feita a justiça penal qualquer que seja o resultado. Todos devem permitir que estas situações sejam investigadas e que os presumíveis autores ou autoras sejam julgados.

#### Qual é a importância dos vizinhos e da sociedade na denúncia destas situações?

É muito importante porque, muitas vezes, dentro de casa as situações sabem-se mas não é possível ou não se quer. Muitas vezes, dentro de casa, há várias razões pelas quais não há denúncias. É importante que estas pessoas que estão em redor das crianças e jovens vítimas, ajudam a que estas situações saiam e se descubra. Ou porque notam algumas alterações, ou porque a própria criança decide pedir ajuda, por múltiplas razões, às pessoas de fora, aos vizinhos. E a figura da escola também é aqui muito importante. Os espaços onde se desenvolvem as actividades dos tempos livres são, às vezes, locais aonde estas crianças pedem ajuda. Portanto, se estas entidades têm conhecimento ou suspeitam, (às vezes não precisam de ter uma confirmação exac-

ta mas basta uma suspeita), é importante que comecem elas próprias por fazer alguma coisa para ajudar estas crianças e retirar estas crianças de alguma situação de violência que elas possam estar a passar.

#### Os professores têm que estar alerta?

Os professores têm que estar alerta, sim. Este trabalho que estamos a fazer visa não apenas os alunos mas também o pessoal docente e não docente porque, como se sabe, as crianças passam muitas horas do dia na escola. Às vezes, a maior parte das horas do dia passam-nas na escola e, portanto, a escola é de facto um contexto privilegiado para se perceberem situações de violência quer porque as crianças demonstram alguns sintomas, quer porque os próprios professores são muitas vezes figuras de muita confiança para estas crianças. E, sendo eles figuras de confiança, é muito mais provável que esta criança tenda a contar o que se passa com ela junto dos professores. Este trabalho que temos feito é também no sentido de informar os professores quando estamos a falar de violência e de violência sexual, porque há muitos comportamentos que não são fáceis de se perceber como de violência sexual. E pretendemos capacitar os professores para, perante uma situação de violência sexual, o que é que eles podem fazer para ajudar determinada criança.

#### Quais as estatísticas que tem sobre a evolução de violência sexual sobre crianças e jovens nos Açores?

A tendência no global da APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima - é uma tendência crescente, do ponto de vista de que entre 2013 e 2015 tínhamos cerca de 280 crianças apoiadas no país. Mas, a tendência é a de um crescimento muito significativo. Já em 2016 e 2017 foram 446 crianças e jovens as vítimas que foram apoiadas. É um número bastante diferente e há um crescimento bastante significativo. Acreditamos que este crescimento é relativamente uniforme por todas as regiões do país, incluindo as regiões autónomas. Mas não temos neste momento nenhum dado específico.

João Paz

## Oito mil crimes contra 4.687 crianças e jovens vítimas entre 2013 e 2017 no país

Entre 2013 e 2017 a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) apoiou 4.687 crianças e jovens, vítimas de 8.035 crimes.

Verifica-se que 70% das situações reportadas diz respeito a actos de violência em contexto doméstico, tendo maior expressão as situações de violência psicológica e de violência física. Cerca de 60% das crianças e jovens são filhos/as dos/as alegados/as autores/as. Com efeito, o espaço de segurança que deveria ser a casa onde residem estas vítimas é, não raras vezes, transformado num cenário de violência a que aquelas são expostas, directa ou indirectamente.

De salientar ainda os pedidos de apoio para situações referentes a bullying, que são a expressão maior dos crimes que podem ocorrer em contexto escolar, e que neste período totalizaram 428 ocorrências.

Regista-se ainda uma tendência crescente para os pedidos de apoio relativos a crimes de natureza sexual perpetrados contra crianças e jovens, especialmente entre os anos de 2016 e 2017. Entre estes dois anos, todos os actos sexuais registados aumentaram entre 30 a 60%. A APAV tem dedicado especial atenção a esta temática desde Janeiro de 2016, altura em que iniciou funções a rede CARE, de apoio especializado a crianças e jovens vítimas de violência sexual.

Independentemente do tipo de violência que as crianças e jovens podem ser alvo, verifica-se um relativo equilíbrio no género (embora a maioria das situações digam respeito a crianças e jovens do sexo feminino) e na idade, pese embora se verifique um decréscimo das ocorrências sobre crianças de idade igual ou inferior a 10 anos em 2016 e 2017, em contraponto com o crescimento de pedidos de apoio para jovens entre os 11 e os 17 anos.





### **APAV apoiou 4.687 crianças nos últimos anos**

Nos últimos cinco anos, a Associação de Apoio à Vítima (APAV) prestou apoio a 4.687 crianças e jovens, vítimas de crimes. Segundo os dados divulgados ontem, em 2016 e 2017, o número de pedidos de apoio por crimes sexuais contra crianças aumentou.

O relatório, chamado "Estatísticas: Crianças e Jovens Vítimas de Crime e de Violência 2013-2017", revelou que entre esses anos a associação ajudou cerca de 4.700 pessoas.



## Jornadas Contra a Violência

Ponte de Sor recebe a 12 de Outubro as primeiras jornadas do Alto Alentejo Contra a Violência. O evento é promovido pela APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) e decorre no Teatro-Cinema Municipal de Ponte de Sor.

De acordo com a APAV é a primeira vez que o Alto Alentejo é palco de discussão deste tema, numa reflexão partilhada com vários parceiros no apoio à vítima de crime.

A sessão de abertura conta com a presença da Ministra da Presidência e Modernização Administrativa, Maria Leitão Marques, além de João Lázaro, presidente da APAV e Hugo Hilário, autarca do município de Ponte de Sor.

As jornadas vão ter três temas em discussão 'Violência Doméstica: Da lei à intervenção'; Crianças e Jovens Vítimas de Crime' e 'Pessoas Idosas Vítimas de Violência e de Crime'.

## APOIOS



## APAV apoiou 4,687 crianças

O relatório «Estatísticas: Crianças e Jovens Vítimas de Crime e de Violência 2013-2017» revelou que nos últimos cinco anos a Associação de Apoio à Vítima (APAV) prestou apoio a 4.687 crianças e jovens vítimas de crimes. Segundo dados divulgados na quinta-feira, o número de pedidos de apoio por crimes sexuais contra crianças aumentou em 2016 e 2017. Mas, apesar destes pedidos terem aumentado, a APAV verificou uma diminuição no número de ocorrências sobre crianças com 10 ou menos anos, nos mesmos anos de 2016 e 2017.



*“A pena suspensa é uma  
absolvição para o agressor  
[de mulheres]”*

**Daniel Cotrim**

*Dirigente da APAV, ao “Expresso”*



## ▲ Gavião - Comenda

## GNR socorre idoso vítima de violência doméstica

> Um idoso residente da Comenda, que poderá ter sido alvo de violência doméstica por parte de uma filha, foi socorrido por jovens militares da GNR do Posto de Gavião e, com o apoio das estruturas competentes, encaminhado para um acolhimento de emergência, no caso o Lar do Centro Social Belverense onde ficou alojado.

De acordo com as informações que nos chegaram, terá sido pedida a colaboração da GNR para proceder ao internamento compulsivo de um homem de 86 anos, residente com uma filha de cerca de 56.

Ao procederem a essa diligência, os jovens militares ao serviço no Posto da

GNR de Gavião ter-se-ão apercebido de algo estranho e acabaram por entrar em contacto com a linha de emergência 144, acabando o assunto encaminhado para a APAV e posteriormente, com a colaboração dos serviços sociais da Câmara de Gavião foi encontrada uma solução de alojamento temporário no Centro Social de Belver, onde o idoso foi entregue pela GNR e acolhido com atenção e carinho.

Segundo fonte do Comando Territorial da GNR, que confirmou do caso, «houve uma denúncia do crime de violência doméstica», o idoso foi retirado do meio familiar e foi levantado o competente auto de notícia. •



▲ País

## Vítimas de violência

# APAV apoiou cerca de 4700 crianças em cinco anos

> Entre 2013 e 2017, a Associação de Apoio à Vítima (APAV) apoiou 4.687 crianças e jovens vítimas de violência, registando 8.035 crimes.

O relatório intitulado “Estatísticas: Crianças e Jovens Vítimas de Crime e de Violência 2013-2017”, elaborado pela APAV, indica que 70%

das situações denunciadas desenrolaram-se em contexto doméstico, sendo que as situações com maior expressão estão relacionadas com violência psicológica e física.

Segundo o documento, cerca de 60% dos casos reportados os agressores são pais das crianças, sendo que «o espaço de segurança que deveria ser a casa onde residem estas vítimas é, não raras vezes, transformado num cenário de violência a que aquelas são expostas, directa ou indirectamente», refere a APAV.

De salientar ainda os pedidos de apoio para situações referentes a bullying, que são a expressão maior dos crimes que podem ocorrer



em contexto escolar, e que neste período totalizaram 428 ocorrências.

Regista-se ainda uma tendência crescente para os pedidos de apoio relativos a crimes de natureza sexual perpetrados contra crianças e jo-

vens, especialmente entre os anos de 2016 e 2017. Neste espaço de tempo, todos os actos sexuais registados aumentaram entre 30 a 60%.

Independentemente do tipo de violência de que as crianças e jovens podem ser alvo, verifica-se um relativo equilíbrio no género (embora a maioria das situações digam respeito a crianças e jovens do sexo feminino) e na idade, pese embora se verifique um decréscimo das ocorrências sobre crianças de idade igual ou inferior a 10 anos em 2016 e 2017, em contraponto com o crescimento de pedidos de apoio para jovens entre os 11 e os 17 anos. •

## Lagoa recebe V Jornadas APAV Contra a Violência



Publicado em 15-08-2018

Escrito por Redacção

A APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima - promove, no dia 15 de Novembro, as V Jornadas APAV Açores contra a Violência, na cidade da Lagoa.

O evento terá lugar no Cineteatro Lagoense.



Após quatro edições em Ponta Delgada, a cidade da Lagoa recebe, assim, pela primeira vez um dia de discussão e reflexão sobre temáticas do âmbito do apoio a vítimas de crime, bem como da prevenção da vitimação e da violência.

No evento, que irá reunir diversos especialistas, serão abordadas três áreas principais: Violência Filioparental, Apoio Online a Vítimas de Crime e Violência contra Pessoas com Deficiência Intelectual e/ou Multideficiência.

O evento tem um custo de cinco euros e carece de inscrição obrigatória.

## “ Rede CARE: o apoio a crianças e jovens vítimas de violência sexual

14 ago 2018

A violência sexual contra crianças e jovens é um flagelo que tem prevalecido na sociedade e que acarreta implicações profundas na saúde física e psicológica das vítimas, nas suas famílias e amigos/as. Estas são implicações com potencial para afetar todo o seu processo de vida.

Ainda que a literatura não seja consensual sobre a definição do conceito de violência sexual contra crianças e jovens, é comum verificarem-se, neste tipo de violência, as seguintes premissas:

- Existência de contactos ou interações sexuais entre um/a adulto/a e um menor de 18 anos, ou entre duas crianças, quando existe uma posição/atitude de poder de uma sobre a outra;
- Postura de controlo do/a autor/a do crime sobre a vítima;
- A vítima é utilizada pelo/a autor/a do crime para o/a estimular sexualmente ou a outra pessoa.

Apesar de ainda poderem subsistir alguns preconceitos relativamente aos contextos em que a violência sexual pode acontecer, importa salientar que estes crimes podem ter lugar em qualquer espaço e contexto de que a criança faça parte, ou que frequente.

Assim, a violência sexual pode ser cometida por pessoas que a vítima conhece e em quem confie (familiares, amigos/as, vizinhos/as), por pessoas com quem a vítima costuma estar noutros contextos (educadores/as, amigos/as, namorado/a) ou por pessoas que a vítima não conhece. Não obstante, em termos estatísticos, o crime ocorre com maior frequência em contexto intrafamiliar.

## Tribunal de violência doméstica proposto para Comarca de Braga

**DISTRITO** de Braga é dos que regista maior crescimento de casos de violência doméstica, realidade que justifica a proposta de localização de um tribunal especializado.

### JUSTIÇA

| José Paulo Silva |

O facto de Braga ser dos distritos do país com mais casos de violência doméstica justifica a escolha desta Comarca para a instalação de um tribunal especializado de competência mista nesta área.

Um projecto de lei com vista à criação de Juízos de Violência Doméstica foi apresentado recentemente na Assembleia da República pelo grupo parlamentar do Bloco de Esquerda, sendo Braga e Setúbal sugeridas como localizações para o funcionamento dos novos tribunais numa fase piloto.

“Braga e Setúbal são dois dos cinco distritos com mais ocorrências de violência doméstica, tendo-se registado, em 2017, um aumento relativamente a 2016, de 2,3% e 2,7%, respectivamente”, apontam os deputados bloquistas no projecto de lei.

O texto salienta também “o facto de estes distritos serem dos que apresentam um aumento mais relevante da percentagem destas mesmas ocorrências”.

Segundo o Relatório Anual de



Violência doméstica: Bloco de Esquerda defende tribunais especializados de competência mista

Segurança Interna de 2017, a GNR e a PSP registaram 1838 ocorrências de violência doméstica no distrito de Braga, mais 42 casos relativamente a 2016.

O distrito bracarense regista um rácio de 2,2 casos de violên-

cia doméstica por mil habitantes.

A proposta de criação de tribunais especializados de competência mista em violência doméstica aponta para que estes assumam a responsabilidade dos

processos criminais, bem como dos processos de regulamentação das responsabilidades parentais, quando estas resultem de situações de violência doméstica e esteja associada a um processo crime.

O BE entende que “a natureza intrínseca e diferenciada da violência de género e da violência doméstica em particular, além da sua perigosidade, exige um tratamento adequado e específico”, constatando-se que a “cultura judicial, que centra o processo na vítima e resiste em procurar meios de prova alternativos para um crime que decorre no seio de uma relação de dominação, muitas vezes de dependência económica e em que tantas vezes ainda se mantém a relação de conjugalidade e parentalidade, revela bem a rigidez judicial e a incapacidade de compreensão e apreensão dos contornos e das especificidades deste tipo de relações”.

Observam também os deputados deste partido político que “também nos Tribunais de Família e Menores as decisões revelam a mesma incompreensão do que é uma relação marcada pela violência e até dos efeitos que isso tem na vida das crianças”.

O projecto de lei sugere que os juízes a colocar nos juízos de violência doméstica sejam nomeados de entre juízes de Direito com mais de 10 anos de serviço, com classificação não inferior a ‘bom’ com distinção e com formação especializada nas áreas da violência de género e doméstica.

Em Portugal, apenas 16% das queixas de violência doméstica chegam a tribunal, sendo que destas 70% são arquivadas. Dos processos que são concluídos, mais de 90 % determinam pena suspensa aos agressores.

## Ponte de Sor | APAV promove as primeiras Jornadas do Alto Alentejo contra a Violência

Por **Paula Mourato** - Ago 28, 2018



**A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima promove as I Jornadas do Alto Alentejo contra a Violência, no dia 12 de outubro, em Ponte de Sor. O evento terá lugar no Teatro-Cinema Municipal daquela cidade do norte alentejano.**

Pela primeira vez, o Alto Alentejo acolhe um dia dedicado à discussão e reflexão no âmbito do apoio a vítimas de crime e da prevenção da vitimação e da violência. Esta pretende ser, segundo a organização, uma reflexão partilhada com os vários parceiros locais, revelando-se "muito promissora na consolidação da presença da APAV neste território" lê-se em comunicado enviado às redações.

Os especialistas reunidos na iniciativa irão abordar três áreas principais: Violência Doméstica: da lei à intervenção; Crianças e Jovens Vítimas de Crime; Pessoas Idosas Vítimas de Violência e de Crime.

A sessão de abertura das Jornadas irá contar com a presença de Maria Manuel Leitão Marques (Ministra da Presidência e da Modernização Administrativa), João Lázaro (Presidente da APAV) e Hugo Hilário (Presidente da Câmara Municipal de Ponte de Sor).

O evento é gratuito mas carece de inscrição obrigatória.

## A APAV não esquece os portugueses vitimados pelo terrorismo

21 AGOSTO 2018

No dia **21 de agosto** celebra-se, pela primeira vez, **Dia Internacional da Lembrança** e do **Tributo às Vítimas do Terrorismo**, por iniciativa das Nações Unidas.

Sabemos hoje que é elevada a probabilidade de um atentado, em qualquer lado no mundo, afetar vítimas de vários países, incluindo Portugal. Nos últimos anos, o terrorismo internacional vitimou 14 portugueses, feriu mais de 20 e deixou marcas em muitos mais familiares e amigos. Os efeitos psicológicos e sociais nas vítimas de atentados terroristas são profundos e duradouros.

As vítimas de terrorismo no estrangeiro, seus familiares e amigos, enfrentam muitas dificuldades decorrentes destes atentados. Para além do impacto físico e psicológico criado pelo evento, o facto de serem vítimas num país que não é o seu, com língua, cultura e legislação diferentes, dificulta o acesso a apoio especializado. A distância e a incompreensão dos sistemas sociais e jurídicos destes países leva a que seja difícil as vítimas e seus familiares fazerem valer os seus direitos e terem acesso ao apoio necessário.

É por essa razão que a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) tem trabalhado pela defesa dos direitos das vítimas de terrorismo, tentando estabelecer redes e parcerias que permitam vencer as barreiras causadas pelas fronteiras e pela distância, para que as vítimas de terrorismo não estejam sozinhas, desde o primeiro momento, em situações de extrema gravidade.

A APAV, através da Rede de Apoio a Familiares e Amigos de Vítimas de Homicídio e Terrorismo pode dar **apoio especializado, mesmo à distância**, nestas situações complexas. A APAV associa-se às Nações Unidas e ao Victim Support Europe assinalando esta data, para que as vítimas de terrorismo não sejam esquecidas. #survivingterrorism

[www.un.org/en/events/victimsofterrorismday](http://www.un.org/en/events/victimsofterrorismday)

## APAV reached almost 4,700 children in the last 5 years

IN NEWS · 23-08-2018 15:59:00 · [o COMMENTS](#)

**The Portuguese Association for Victim Support has reached in the last five years 4,687 children and youths, victims of 8,035 crimes, registering a rise in support requests for sexual crimes against children and youths, in 2016 and 2017, it said on Thursday.**



In the report "Statistic: Children and Youths Victims of Crime and Violence 2013-2017", APAV states reaching almost 4,700 people, between 2013 and 2017, when 1,268 crimes were accounted for.

Of all the support requests made to the association, in 2,850 of cases the victim was the son/daughter of the perpetrator. In 234 cases it was a classmate, in 120 was an acquaintance and in 105 was the grandchild. And 74% of the acts of violence are in a domestic context, predominantly psychological and physical violence.

APAV also added that it registered a 30 percent to 60 percent increase, between 2016 and 2017, of crimes of a sexual nature against children and youths.

However, there was a decrease in occurrences in children aged 10 or less in 2016 and 2017, as opposed to the increase of support requests for children between the ages of 11 and 17.

## **Portalegre: Mulheres continuam a sofrer às mãos dos cônjuges**



Nos primeiros seis meses do ano 16 mulheres foram assassinadas, a maioria delas à facada, pelas mãos dos maridos. Segundo o relatório da União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR) em 2017 foram 20 as mulheres mortas de forma violenta.

No distrito de Portalegre a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) não tem registo de mortes em contexto de violência doméstica, mas a vida conjugal está longe de ser um mar de rosas.

Alexandra Gaio, gestora da APAV no Alto Alentejo Oeste, confirma que as mulheres continuam a ser a maioria das vítimas de violência doméstica.

A mesma responsável diz que, em pouco mais de um ano chegaram à associação relatos de 70 crimes.

A maior parte dos casos tem origem em Ponte de Sor e Alter do Chão, com situações de mulheres agredidas em contexto de casamento ou união de facto.

A APAV vai realizar, a 12 de outubro, no Teatro-Cinema Municipal de Ponte de Sor, as primeiras Jornadas do Alto Alentejo contra a violência.

O evento, que visa consolidar a APAV no território, tem como áreas principais de debate, a lei aplicada a crimes de violência; pessoas idosas, crianças e jovens vítimas de crime.

A APAV do Alto Alentejo Oeste abriu em maio de 2017, tem gabinetes de apoio em Ponte de Sor, Alter do Chão, Avis, Crato, Fronteira, Gavião, Nisa e Sousel.

Carla Aguiã